

SINTESE HISTÓRICA DO DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL DE SERGIPE.

Durante todo período colonial, (1500-1808) o Brasil manteve uma economia primária exportadora, considerada por Nova Pinto como “colônia agrícola fornecedora de produtos tropicais”, excetuando-se o período de 1700 a 1780, quando predominou a economia mineira, controlada através do monopólio de Portugal que por sua vez manteve uma semi-dependência econômica da Inglaterra.

O território sergipano, no mesmo período colonial, (1500-1808), não fugiu às regras impostas pela metrópole à economia brasileira, sofrendo inclusive com a exportação e contrabando do pau-brasil pelos franceses.

Por outro lado, começa a contribuir com o ciclo açucareiro, a partir do início do século XVII (1612) quando foi criado o primeiro engenho, acrescido de mais sete, já na terceira década, durante a ocupação holandesa, entre 1630 e 1654.

Na segunda metade do século XVIII a cultura canavieira começa a expandir-se mais ainda e em 1724 o estado já contava com 25 engenhos, passando a 140 no final do século, quando começa a receber o incentivo do governo imperial na criação de engenhos centrais, tornando-se inclusive em julho de 1820, oficialmente independente da Bahia, através de uma Carta Régia, o que se torna realmente factual em 1822, com a emancipação do país.

Em 1855, dá-se a mudança da capital da província, de São Cristóvão para Aracaju, agora mais perto do seu porto e se integrando ao comércio internacional do açúcar, definindo aos poucos relações econômicas com diversas outras regiões.

Inicia-se aí a modernização do processo produtivo do açúcar, sendo criado no município de Riachuelo, na década de 1880, um engenho central, sem muito êxito, devido a falta de matéria-prima. Alguns engenhos são transformados em usinas e outros passam a ser simples fornecedores de cana.

Na década de 1850 a cultura do algodão que vinha com bom desempenho começa a decair e em 1852 o presidente da província solicita ao governo imperial remessas de sementes para regenerar a cultura do produto, sofrendo também à época toda economia provincial um sensível abalo com a epidemia da cólera-morbus que atingiu as regiões produtoras, fazendo cerca de dez mil vítimas.

A cana de açúcar fazia também uma grande concorrência ao cultivo do algodão, não lhe concedendo espaço nas exportações, situação que vem a melhorar na década de sessenta, com a guerra civil americana e a saída dos Estados Unidos como principal fornecedor para a Inglaterra. Em 1863 já havia registro de grandes vendas àquele país, principalmente de algodão e tabaco.

A partir de 1873, começava o declínio nas importações e exportações do algodão e algumas cidades começavam a associar ao seu cultivo outras culturas, notadamente de subsistência, como fez Simão Dias, Estância, Lagarto, Itabaianinha, Campos, Vila Nova, Curral de Pedras, Maruim, Japaratuba, Nossa Senhora das Dores, Itabaiana e várias outras, que deixaram de dar prioridade ao algodão para serem grandes produtoras de feijão, milho, mandioca, fumo, batata e coco.

Mas a atividade industrial em Sergipe começa em 1858, embora algumas dificuldades segurassem seu desenvolvimento nas cidades de Laranjeiras, Capela e Santa Luzia, não havendo inclusive aparelhos aperfeiçoados para o beneficiamento do algodão, o que concorria para uma menor produção e conseqüentemente custos mais elevados.

Em 1869 dispunha a província de 127 máquinas de descaroçar algodão, as mais importantes instaladas na cidade de Maruim, pertencente à Casa de A. Scharamm e Cia., e no Engenho Serra Negra, pertencente ao Dr. Leandro Ribeiro de Siqueira Maciel.

Na década de 70, a província de Sergipe reunia condições mínimas para implantação da indústria têxtil. Mas a principal indústria era a do açúcar, vivendo com grandes dificuldades, vencida somente na década seguinte, com a expansão do mercado externo.

É quando começa também o processo de urbanização de Aracaju, em função da criação de um comércio interno, das epidemias e das secas, pois a cidade passa a receber dezenas de emigrantes que, com os seus negócios arruinados, passam a viver do acanhado comércio que nascia na capital.

Em 1889, proclamada a república, não acontecem grandes transformações e as finanças estaduais são ainda inteiramente dependentes das exportações açucareiras, assim, continuando a ser o açúcar a grande exportação do Estado e o segundo produto no nordeste, mas permanecendo a dependência da Bahia e do Rio de Janeiro, onde estavam os grandes financiadores, prevalecendo portanto uma economia praticamente agrícola, embora alguns esforços para desenvolver o setor industrial.

Por outro lado, já em 1922 começa a se desenvolver a indústria de tecidos, aperfeiçoada em suas aparelhagens, como também a de óleos vegetais e de beneficiamento de couros e peles. O algodão começa a fazer concorrência, já possuindo Sergipe oito fábricas de tecidos, com produtos expostos em Londres.

Em 1834 começa a diversificação do parque industrial do estado, contando já com 630 unidades fabris, sendo 49 as mais importantes, dedicadas ao tecido, espelhos, coco, móveis, doces, produtos farmacêuticos, vinagre, calçados e gelo.

A primeira fábrica ou estufa de coco de Sergipe surge nos idos de 1916, em Barra dos Coqueiros, pelas mãos do sergipano Jardelino Porto, e é também neste período, 1932-1934 que o estado sai da condição de importador para exportador da fibra de coco, através da firma E. Porto & Irmãos, dirigida por Euclides e Irineu Porto. Surge também neste período o início da produção do leite de coco, graças a visão do empresário Álvaro Sampaio e do químico Antônio Tavares de Bragança.

Na década de 40 o governo começa a estimular a iniciativa particular e o então Governador do Estado, Dr. José Rollemberg Leite, em 1943, isenta de impostos indústrias novas, estabelecendo prazos, critérios e valores através de uma tabela.

Aos 30 dias de abril de 1948, na sede da Delegacia Regional do Trabalho é fundada a Federação das Indústrias do Estado de Sergipe- FIEs, com a participação dos seguintes sindicatos: Fiação e Tecelagem, Panificação e Confeitaria, Açúcar, Calçados, Alfaiataria e Confeções de Roupas de Homem.

No salão nobre da Associação Comercial de Aracaju, é realizada a Assembléia Geral de instalação e posse da primeira diretoria da FIES, tendo como endereço a Av. Rio Branco 330, 1º andar. A nova entidade surge tendo por objetivos amparar e defender os interesses gerais das categorias econômicas industriais perante os poderes públicos, colaborando com os mesmos no estudo e solução de todos os assuntos capazes de fomentar a coesão, o fortalecimento e a expansão econômica. Objetivava ainda promover a solução conciliatória dos dissídios ou litígios concernentes às atividades por ela representadas, a adoção de regras e normas que possibilitassem aperfeiçoar os sistemas de fabricação e os processos tecnológicos, dentre outras importantes diretrizes que assinalassem significativo avanço no processo industrial.

Neste mesmo ano, o Sindicato da Indústria da Construção Civil é filiado a Federação das Indústrias, é aprovado o pedido de filiação da entidade à CNI e eleitos os seus primeiros representantes junto aquela entidade, nas pessoas dos industriais: Durval Rodrigues da Cruz, Carlos Silva Gomes e José Irineu no Nascimento.

Em Setembro de 1948 é criado o Departamento Regional do SENAI. A partir daí inicia-se o esforço pela preparação e qualificação da mão de obra industrial. A entidade dá início ao processo, primeiro com a instalação do Centro de Treinamento Coelho e Campos, instalado na rua Própria e depois com a instalação de outros núcleos e cursos de capacitação profissional, assinalando uma nova fase para o segmento industrial que passa a contar com pessoal qualificado no desempenho das atividades fabris e na operacionalização do maquinário instalado nas indústrias sergipanas com significativa melhoria da qualidade de vida da população.

Em janeiro do ano seguinte é instalado o Departamento Regional do SESI em Sergipe. A entidade tinha como objetivo o estudo, o planejamento e a execução de medidas que contribuam diretamente para o bem estar social dos trabalhadores da indústria e atividades assemelhadas, concorrendo para a melhoria do seu padrão de vida. A Educação, o Esporte, o Lazer, a Saúde e a Assistência Social aos operários, passam a experimentar uma nova e importante fase com multiplicação de ações direcionadas ao empregado da indústria e seus dependentes.

Chega a década de 50 e Sergipe com a política de isenção amplia seu parque industrial, desenvolvendo vários segmentos como tecidos, açúcar, beneficiamento de arroz, coco, óleos vegetais, sabão doméstico, laticínios, artes gráficas, álcool, papelão, entre outros.

Alcançada a década de 60, a expectativa com a exploração do petróleo gerou um resfriamento das atividades agrícola e pecuária e como consequência o setor industrial que dependesse do algodão, da cana-de-açúcar e do coco passou a receber insumos menores e menos atenção das autoridades.

É também neste período que Sergipe alcança o maior número de empresas no ramo da industrialização do coco. Na década de 60 o Estado já é o terceiro em participação no contexto nacional, perdendo apenas para o Rio de Janeiro e São Paulo e o primeiro em qualidade de produção física.

Em 1963, com a descoberta do campo petrolífero de Carmópolis, começa a ser implantada toda infra-estrutura para produção efetiva do petróleo, sendo instalada oficialmente a Petrobrás em Sergipe. Com relação aos demais minerais que deveriam ser explorados, permaneceram ligados a interesses puramente particulares, dificultando assim o incremento definitivo desta atividade, o que só vem a acontecer no final da década, com a criação pelo governo de órgãos de assessoramento e planejamento industrial como o Ceag, Inep, Condese e com a participação efetiva da Federação das Indústrias de Sergipe.

No início da década de 70 é implantado o DIA - Distrito Industrial de Aracaju, e definidos alguns incentivos fiscais, que impulsionam o surgimento de novos empreendimentos industriais.

Em 1971 é oficialmente instalado o Núcleo Regional do Instituto Euvaldo Lodi- IEL, também vinculado a Federação das Indústrias do Estado. O IEL surge com o objetivo de realizar estudos e pesquisas de atividades universitárias entrosadas com atividades industriais, promovendo seminários, cursos especializados e estágios de treinamento. Procura, por fim, contribuir, sob qualquer forma e dentro do espírito da livre iniciativa, para a formação da mentalidade de cooperação universidade/ empresa.

Na década de 80 há um grande desenvolvimento da economia sergipana motivada pelo efetivo aproveitamento dos recursos minerais do estado, graças a amplos investimentos estatais, notadamente do sistema Petrobrás. Dar-se a instalação de duas importantes subsidiárias daquela estatal: a Nitrofértil, para a fabricação de amônia e uréia, e a Petromisa, para exploração e beneficiamento do Potássio, explorado da mina de Taquarí-Vassouras. É nesta década que o estado de Sergipe apresenta as maiores taxas de crescimento do seu produto interno, que o eleva à condição de detentor da maior renda per capita do nordeste brasileiro.

Os anos 90 iniciam-se com inovações nem sempre benéficas a Sergipe. Dentro de mudanças globais, redefini-se o papel do setor público, coma retirada do Estado da economia. Isto representa um choque para os sergipanos, posto que o grande capital estatal marcou como força motriz do desenvolvimento acelerado observado nas últimas décadas. Mesmo assim o Estado não parou. Sergipe conseguiu reverter o que eram derrotas, transformando-as em grandes vitórias. Dois exemplos podem ser citados: com a extinção da Petrofértil, a sua subsidiária sergipana, a Nitrofértil é incorporada a Petrobras; e com a extinção da Petromisa, conseguiu-se a continuidade do Projeto Potássio, através da Companhia Vale do Rio Doce. A vinda da Vale do Rio Doce para Sergipe merece destaque especial, pois ainda na década de 90, consolidam-se alguns investimentos primordiais para o desenvolvimento de Sergipe, entre os quais, com maior destaque para o Terminal Portuário Ignácio Barbosa, na Barra dos Coqueiros, o primeiro organizado dentro da nova legislação do setor e entregue para

operação justamente à Vale do Rio Doce que apresenta larga experiência em logística e operações de transporte.

O final da década de 90, bem como o início dos anos 2000, marcam o que deve ser analisado como uma nova fase da economia sergipana, com uma diversificação muito grande do setor industrial. Instalam-se novos tipos de indústrias, notadamente no setor de transformação, com destaque para a indústria de alimentos e bebidas, de equipamentos agrícolas e de irrigação, entre outros.

A Federação das Indústrias do Estado de Sergipe tanto como entidade de representação sindical, quanto como gestora do SESI, SENAI e IEL, continua no tempo e no espaço desempenhando um papel agregador do empresariado sergipano, procurando com equilíbrio manter um elo destes, para com o setor público, bem como trabalhando com denodo nos serviços de assistência e benefícios educacionais, de saúde e lazer ao trabalhador, na formação de mão de obra especializada para o setor, na transferência de tecnologia e interação universidade/indústria.

Unidade de Comunicação do Sistema Indústria de Sergipe.

Bibliografia: Os dados constantes desta resenha até a década de 70 deste século foram extraídos do livro **Memória Histórica da Indústria Sergipana**, Edição do Senai de 1986, encomendada pelo IEL/SE. Os dados sobre a economia sergipana nas décadas de 80 e 90 foram coletados através de artigos e reportagens da imprensa local.